

A REDE BRASILEIRA DE MULHERES FILÓSOFAS E A DESIGUALDADE DE GÊNERO NA ÁREA DE FILOSOFIA

*Silvana de Souza Ramos*¹, *Beatriz Sorrentino Marques*²
*Carolina Araújo*³ e *Juliana Ortegosa Aggio*⁴

Resumo

O artigo pretende apresentar as motivações e os desafios enfrentados pela instituição da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas, coletivo de profissionais da área da filosofia, criado em 2019, onde pesquisas e iniciativas diversas que congregam atividades acadêmicas de mulheres da área de Filosofia são compartilhadas e incentivadas. Diante do quadro de desigualdade de gênero na área, são ali computados dados que quantificam a diferença gritante da presença das mulheres filósofas nas universidades brasileiras, se comparada à dos homens. Além disso, a Rede abre espaço para que estudos em andamento, dedicados à articulação entre filosofia e mulheres, e ligados a programas de pós-graduação do país, sejam amplamente divulgados. Por fim, a Rede promove o debate acerca de problemas que atingem diretamente o desenvolvimento de pesquisas filosóficas por mulheres, tais como: a predominância do cânone filosófico europeu, masculino, branco e heterossexual; a baixa presença de mulheres em eventos acadêmicos, em bancas de pós-graduação ou de concursos; a quase ausência destas nas bibliografias de livros, teses e disciplinas regulares oferecidas pelos cursos de filosofia do país; a vulnerabilidade destas ao assédio moral e sexual ao longo da carreira. O artigo visa discutir esses problemas de modo a mostrar a importância desse tipo de iniciativa – a criação de uma Rede Brasileira de Mulheres Filósofas – para o enfrentamento institucional destes no contexto acadêmico brasileiro.

Palavras-chave: Rede Brasileira de Mulheres Filósofas; filosofia; mulher; gênero; desigualdade.

THE BRAZILIAN NETWORK OF WOMEN PHILOSOPHERS AND THE GENDER INEQUALITY IN THE AREA OF PHILOSOPHY

Abstract

The article intends to present the motivations and challenges faced by the institution of the Brazilian Network of Women Philosophers, a collective of

¹ Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Livre docente do Departamento de Filosofia USP e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Membro da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas.

² Doutora em filosofia pela Universidade de São Paulo. Professora efetiva do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Membro da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas.

³ Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Titular do Departamento de Filosofia da UFRJ. Pesquisadora do CNPq. Membro da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas.

⁴ Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professora associada do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Membro da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas.



professionals in the area of philosophy, created in 2019, where research and various initiatives that bring together academic activities of women in the field of Philosophy are shared and encouraged. Given the picture of gender inequality in the field, data that quantifies the glaring difference in the presence of women philosophers in Brazilian universities compared to men are computed there. In addition, the Network makes room for studies in progress, dedicated to the articulation between philosophy and women, and linked to graduate programs in the country, to be widely disseminated. Finally, the Network promotes debates on problems that directly affect the development of philosophical research by women, such as: the predominance of the European, male, white and heterosexual philosophical canon; the low presence of women in academic events, in post-graduate committees or competitions; the near absence of these in the bibliographies of books, theses and regular subjects offered by philosophy courses in the country; their vulnerability to moral and sexual harassment throughout their careers. The article aims to discuss these problems in order to show the importance of this type of initiative – the creation of a Brazilian Network of Women Philosophers – for the institutional confrontation of these in the Brazilian academic context.

Keywords: Brazilian Network of Women Philosophers; philosophy; women; genre; inequality.

1. Introdução

Diante da enorme ausência de filósofas nos currículos da graduação e da pós-graduação dos cursos de filosofia, facilmente vem à mente daquele/a que analisa os dados a seguinte pergunta: será que existem mulheres filósofas? O que leva imediatamente a outra pergunta de fundo: será que a mulher é capaz de filosofar? Ora, acreditar que as mulheres são capazes de fazer filosofia é muito mais difícil quando a própria história da filosofia omite a existência atual e pregressa de filósofas. E é muito mais difícil em um ambiente acadêmico que invisibiliza, diminui, oprime e até mesmo assedia essas mulheres¹.

Nesse quadro bastante desfavorável às mulheres no que diz respeito à desigualdade de gênero na área, é importante buscar informações mais precisas, que permitam ler com maior cuidado as causas que não apenas instituíram esse cenário, mas também as que o mantêm por um processo de retroalimentação, dificultando a sua transformação.

2. Desigualdade de gênero na área de Filosofia: referencial teórico

Nos últimos anos, foram produzidas informações empíricas sobre o número significativamente mais baixo de mulheres na área de filosofia em relação aos homens, adicionando dados objetivos que apoiam o que a experiência vivida já mostrava (ARAÚJO, 2015; PAXTON et al., 2012). Algumas razões para considerar que a falta de diversidade na filosofia seja problemática é o fato de que ela empobrece epistemicamente a disciplina e promove a

¹ Sobre esse quadro, e, em especial, sobre o assédio, cf. Ribeiro & Ramos, 2019.



injustiça epistêmica (KING, 2019). Além disso, apenas 12,36% das publicações nas revistas de filosofia mais bem colocadas nos rankings internacionais de qualidade são de mulheres e os editores são, na grande maioria, homens (HASLANGER, 2008). Há uma versão da filosofia que é privilegiada quando as publicações nas melhores revistas e a composição dos departamentos e PPGFil são majoritariamente masculinos (KING, 2019). Ainda assim, são poucas as pesquisas sobre as causas desse problema. No Brasil, não conhecemos nenhuma que ofereça dados empíricos a esse respeito; por isso, a discussão a seguir foca em possíveis causas para a desigualdade numérica de gênero com base em pesquisas feitas em outros países¹.

Para fundamentar as hipóteses é preciso partir de um modelo teórico. Antony (2012) propõe o modelo da Tempestade Perfeita para investigar as causas da baixa representação das mulheres na filosofia. Tempestade Perfeita é a tradução para a expressão em língua inglesa "perfect storm", usada para descrever fenômenos causados e/ou agravados por uma confluência de causas, em que nenhuma delas é suficiente para explicar por si só o ocorrido. No caso, o modelo visa explicar a ausência de mulheres na área de filosofia como efeito de diversas discriminações de gênero e vieses implícitos (não conscientes) que ocorrem na sociedade e que convergem, interagem e se intensificam na filosofia acadêmica. O modelo, portanto, pode abarcar tanto discriminações explícitas, quanto aspectos problemáticos menos salientes, ou menos conscientes, mas muito presentes nas interações acadêmicas na área.

Esquemas de gênero e ameaça de estereótipo são exemplos de vieses que convergem, interagem e se intensificam na filosofia; por isso, se agravam mais na área do que em outros meios sociais (ANTONY, 2012). Antony explica que as interações sociais são mediadas por crenças implícitas, não conscientes, sobre homens e mulheres, chamadas de esquemas de gênero. Os esquemas moldam nossa percepção e expectativas normativas sobre os gêneros. Na academia, as normas de feminilidade entram em conflito com características necessárias para o sucesso acadêmico. Mesmo vieses gerais, como esquemas de gênero, podem ter uma força específica na filosofia. Antony lembra que a crença na incapacidade das mulheres para o pensamento racional é particularmente relevante neste caso. Além de vieses implícitos gerais, convergem também alguns específicos da área, como a ameaça de estereótipo, típica de áreas em que há pouca representatividade feminina. Simplificando, essa ameaça faz com que as mulheres sintam ansiedade em relação ao estereótipo de sua inaptidão para a área, o que Antony afirma que contribui para que haja degradação de sua performance. Por sua vez, essa degradação acaba por confirmar o estereótipo, tornando o processo retroalimentativo. Ao longo da história da filosofia, as mulheres foram consideradas inaptas para o pensamento racional, necessário para a área, e esse estereótipo estigmatizante as leva a sofrerem daquela ameaça. Esquemas de gênero e ameaça de estereótipo são

¹ As características culturais específicas do país onde os estudos a que faremos referência neste item foram implementados podem ter influenciado os resultados, o que dificulta a aplicação destes à situação no Brasil. Mesmo assim, a investigação empírica ajuda a apontar algumas das hipóteses para as causas do problema contando com uma base evidencial sólida.

exemplos de vieses que convergem, interagem e se intensificam; por isso, se agravam mais na área da filosofia do que em outros meios sociais (ANTONY, 2012).

Ao interagirem, esses vieses fazem com que nos casos em que filósofas recebem tratamentos com base em esquemas de gênero reforcem a ameaça de estereótipo. A intensificação desses fatores ocorre, segundo Anthony, por exemplo, quando departamentos delegam para as professoras trabalhos menores de organização e socialização, como participar em comissões, coordenações, estar presente em cerimônias da instituição, organizar a socialização do grupo após um evento etc. Como são poucas as mulheres nas instituições, a demanda se acumula, e quase nunca é distribuída entre os homens, fazendo com que as professoras percam tempo importante para a pesquisa com esse tipo de função considerada inferior nas avaliações de currículos e para a progressão funcional.

Com base no modelo da Tempestade Perfeita, Dougherty, et al. (2015) propõem uma taxonomia cronológica com cinco conjuntos de hipóteses; cada conjunto agrupa hipóteses sobre certo tipo de causa para a desigualdade numérica de gênero na filosofia: Hipótese do Conteúdo do Curso, Hipótese do Método de Ensino, Hipótese da Atmosfera Hostil, Hipótese do Estereótipo/Esquema de Gênero, Hipótese da Disciplina Pouco Prática. Por exemplo, uma hipótese relacionada ao esquema de gênero é a crença de que certo talento especial é necessário para a filosofia, i.e., o mito do gênio (KING 2019), e este, por diversas razões, acaba por desencorajar as mulheres à dedicação à filosofia. Leslie et al. (2012) fizeram uma extensa investigação da crença no talento específico em diversas áreas e universidades estadunidenses. A pesquisa revelou que quanto mais uma área valoriza a ideia de que um talento específico é necessário, há menos mulheres fazendo doutorado na área.

Adicionalmente, hipóteses cronológicas visam ajudar a identificar se (i) as causas relevantes para o problema de representatividade e seus efeitos estão no período pré-universitário, (ii) se são uma mistura de causas pré-universitárias com causas que ocorrem no curso universitário, resultando em efeitos na sala de aula, ou (iii) se são causas e efeitos de dentro da sala de aula do curso universitário (DOUGHERTY et al., 2015). Cada agrupamento de hipóteses está mais associado a um período na cronologia, por exemplo, hipóteses relativas ao conteúdo do curso provavelmente fazem parte dos períodos (ii) misto e (iii) dentro de sala de aula, já hipóteses relativas a esquemas de gênero provavelmente se referem aos períodos (i) pré-universitário e (ii) misto.

Levando em consideração pesquisas empíricas especificamente dedicadas à filosofia, Dougherty et al. (2015) encontraram evidências em favor de algumas hipóteses. Contudo, isso não significa que as outras devam ser descartadas; significa apenas que elas ainda precisam ser investigadas. Corroborando a Hipótese do Conteúdo do Curso, há uma correlação significativa entre o número de professoras e o número de mulheres que se formam em

filosofia, o que endossa também uma hipótese proposta por Paxton et al. (2012), a de identificação com modelos.

Além disso, segundo Thompson et al. (2015), as estudantes (a) consideraram a proporção de gênero e etnia nos autores estudados injusta, o que foi um fator estatisticamente significativo para a sua menor vontade de continuar sua carreira na área de filosofia. A mesma pesquisa mostrou evidências em favor da Hipótese do Estereótipo/Esquema de Gênero, pois estudantes dos dois gêneros receberam notas parecidas na disciplina, mas essas eram abaixo da média geral das estudantes mulheres, que costumam ter uma média de notas mais alta do que a dos homens. Ter notas em filosofia inferiores à sua média geral pode reforçar a ameaça de estereótipo. Ademais, na análise estatística das respostas ao questionário aplicado, as estudantes diferiram significativamente dos estudantes, pois elas não concordavam tanto quanto eles com a afirmação de que tinham muito em comum com seus professores de filosofia ou com os graduandos em filosofia. Segundo os resultados, as mulheres se sentiam menos confortáveis para expressar suas opiniões em sala, para fazer e responder perguntas, e se sentiam menos confiantes em sua habilidade para falar sobre filosofia. A Hipótese do Método de Ensino sugere que as notas mais baixas do que o habitual das estudantes também podem significar que os professores sofrem de vieses implícitos. Igualmente, as estudantes gostavam menos do que os estudantes de experimentos de pensamento como método de reflexão filosófica.

Finalmente, convém tratar do experimento desenvolvido por Baron et al. (2015) para testar algumas das hipóteses da taxonomia cronológica. Os pesquisadores aplicaram um questionário, usando escala likert, no primeiro e no último dia de aula, na primeira disciplina em que os estudantes tiveram contato com a filosofia. A intenção era saber se há diferença de gênero na atitude dos estudantes em relação à filosofia antes de os estudantes terem contato com a disciplina e depois de terem contato com ela. Os resultados mostraram diferenças estatisticamente significativas no primeiro questionário. As respostas das mulheres eram mais baixas em relação às dos homens quanto à autoconfiança nas habilidades filosóficas e interesse em filosofia, e era menos provável que elas previssem que se sentiriam confortáveis em sala de aula. Isso confirma a hipótese de causas e efeitos pré-universitário, ou seja, fatores sociais anteriores ao ingresso na universidade contribuem significativamente para afastar as mulheres da filosofia. As respostas ao segundo questionário não diferiram expressivamente do primeiro; portanto, a hipótese de causa e efeito em sala de aula não foi corroborada. Uma possibilidade é que mais tempo no curso seja necessário para que esse efeito se manifeste.

Mais interessante é que a atitude em relação à filosofia se apresentava numa espécie de combo. Foi identificado um padrão de respostas para múltiplas questões. As respostas que significativamente se correlacionam com o gênero, também significativamente se correlacionam entre si, o que sugere que um esquema de gênero subjaz à atitude e corrobora a Hipótese de Estereótipo/Esquema de Gênero. O gênero prevê, por exemplo, que uma estudante pense que tem pouca habilidade para a filosofia.



Se esquemas de gênero estão no cerne do problema da desigualdade observada na área de filosofia, como seria possível saná-lo? Baron et al. (2015) sugerem contrapor o esquema de gênero, que codifica a filosofia como masculina, por exemplo, convidando palestrantes mulheres para eventos, publicando filósofas e lhes dando visibilidade. King (2019) sugere não incluir filósofas apenas em discussões ou disciplinas chamadas de feministas (embora isso seja importante), não deslegitimar a filosofia feminista e encorajar todos e todas a falarem em sala de aula. A representatividade e a circulação da palavra são, portanto, importantes ferramentas de inclusão das mulheres na área.

Se os mesmos fatores apontados nas pesquisas supracitadas têm também impacto significativo nas estudantes e salas de aula brasileiras, então é possível sugerir duas estratégias complementares. A primeira é o desenvolvimento de pesquisas que testem hipóteses sobre a possível produção de uma tempestade perfeita também no Brasil. É provável que muitas dessas hipóteses coincidam com as apresentadas nas pesquisas já realizadas no exterior, mas é preciso avaliar a inclusão de hipóteses específicas para o contexto brasileiro, e que levem em consideração que diferentes opressões, como classe, raça e gênero, formam uma intersecção de opressões que se sobrepõem e que podem contribuir de maneira específica para o problema. A interseccionalidade¹ de múltiplas opressões certamente cria uma situação ainda mais difícil para a permanência na área. O Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) de 2014 indica essa dificuldade, pois apenas 12,5% de estudantes de licenciatura e 9,4% de bacharelado eram negros em cursos de filosofia no Brasil, uma porcentagem bastante baixa. Portanto, é razoável supor que raça e classe social, além do gênero, precisam ser consideradas para compreender adequadamente a situação das mulheres na filosofia no Brasil; contudo, faltam pesquisas empíricas sobre tal situação. Considerando a ausência de dados sobre quais fatores podem estar contribuindo para a evasão das mulheres na filosofia no Brasil, é difícil extrapolar as conclusões dos estudos apresentados para o caso brasileiro. Entretanto, é possível concluir que investigar hipóteses para as causas da desigualdade numérica de gênero na filosofia é fundamental para desenvolver estratégias para diminuí-la.

A segunda sugestão é a implementação de estratégias para a diminuição da desigualdade com base nas hipóteses apresentadas. É razoável pensar que, enquanto não temos dados específicos para o Brasil, podemos levar em consideração resultados estrangeiros, supondo que há similaridades culturais com os países onde os últimos foram obtidos, especialmente em relação a

¹ A americana, estudiosa e defensora de direitos civis, Kimberlé Williams Crenshaw é responsável pela introdução e desenvolvimento da teoria interseccional, estabelecendo a importância do estudo de como identidades sociais sobrepostas se relacionam com sistemas e estruturas de opressão, dominação ou discriminação. Entretanto, é preciso lembrar que discussões sobre interseccionalidade são antigas no feminismo negro, sendo difícil atribuí-las a uma pensadora em específico. Angela Davis é muitas vezes considerada um expoente dessa discussão por ter mostrado que o racismo e o sexismo incidem sobre a luta de classes no mundo capitalista, embora o tema tenha aparecido muito antes, no século XIX, no pensamento de Sojourner Truth. No Brasil, as obras de Lélia Gonzalez e de Sueli Carneiro, entre outras pensadoras negras, têm contribuído para o aprofundamento desse debate tendo em vista a nossa realidade social.

esquemas de gênero. Assim, (a) iniciativas como a criação da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas, suas atividades e os projetos que a compõem são fundamentais para aproximar as mulheres da filosofia e fazer com que conheçam filósofas e percebam que as mulheres não só podem como fazem filosofia de qualidade. Outra estratégia é (b) colocar em evidência as filósofas contemporâneas e suas pesquisas, por meio de palestras, da inclusão de seus trabalhos nas leituras das disciplinas, além de iniciativas como a coluna *Em Curso da Rede*, que divulga as pesquisas de pós-graduandas em filosofia, e o prêmio *Filósofas de Distinção Acadêmica*. Finalmente, é fundamental (c) incentivar as estudantes a discutirem suas ideias sobre filosofia, criando ambientes confortáveis e direcionados para elas, como, por exemplo, grupos de estudos, grupos de escrita, grupos de pesquisa, eventos acadêmicos, coletivos e projetos de filósofas, dentre outros. Pelas razões apresentadas, os diferentes projetos que integram a Rede são significativos para a inclusão e a permanência das mulheres na área de filosofia.

3. Metodologia

Tendo em vista os estudos apresentados no item anterior, o próximo passo do artigo é apresentar a experiência da *Rede Brasileira de Mulheres Filósofas*, para que seja possível aprofundar a discussão sobre a desigualdade de gênero na área de Filosofia e sua possível superação.

4. Resultados e discussões: a Rede Brasileira de Mulheres Filósofas

Lançada em 27 de novembro de 2019, a *Rede Brasileira de Mulheres Filósofas* é uma rede horizontal e participativa composta por professoras(es) e pesquisadoras(es) de filosofia brasileiras(os) qualificadas(os) em dois grupos: (i) aquelas(es) engajadas(os) em projetos institucionais sobre questões que abordam a relação entre filosofia e mulheres; (ii) mulheres com diploma na área de filosofia (graduação, mestrado e doutorado). Une-nos a histórica e gritante desigualdade de gênero na área, seja no Brasil, seja no exterior, e a motivação de encontrar soluções para combatê-la.

Projetos institucionais sobre filosofia e mulheres são o eixo que estrutura a *Rede*. E eles passam pelos mais diversos temas: os feminismos, a abordagem filosófica de questões pertinentes à luta por direitos e pela emancipação das mulheres contra o patriarcado, o colonialismo, e o assédio moral e sexual que nos oprimem, além do pensamento produzido sobre e pelas filósofas que fazem e fizeram parte de nossa história da filosofia, estrangeiras e brasileiras, bem como os problemas filosóficos sobre gênero e a presença das mulheres na pesquisa, docência e história da filosofia, dentre outros temas e questões afins.

Esses projetos definem o primeiro corpo de membras/os. Todas/os professoras/es de filosofia ou pós-doutorandas/os que desenvolvem pesquisas nessas temáticas podem se tornar membros e participar da *Rede* divulgando seus projetos, participando de fórum de debate, publicando *posts* sobre temas diversos – eventos, entrevistas, chamadas para publicação etc. –, bem como



debatendo e modificando as próprias regras da *Rede*. Todas/os as/os membras/os podem, inclusive, ter uma página do projeto no site, que disponibiliza diversos recursos, como o de ter uma coluna de divulgação dos *posts* atrelados ao projeto. Outras/os integrantes do projeto também podem participar publicando *posts* em seu nome, mas a partir do *login* do projeto. Ou seja, as publicações não precisam ser apenas no nome da/o coordenador/a do projeto. Elas podem sair assinadas por um/a aluna/o ou outro participante. Esse sistema pretende dar à *Rede* um caráter de espaço público, no qual todos os agentes têm participação direta, sem representação intermediadora de sua voz. Essa é uma estratégia para preservar tanto as diferenças e singularidades dos membros quanto a igualdade de participação e decisão.

A participação de mulheres filósofas em geral visa abrir um canal de comunicação e de veiculação da reflexão dessas profissionais sobre as dificuldades encontradas ao longo de sua carreira. Filósofas em geral têm acesso ao site por meio de login e senha através dos quais podem manifestar-se publicamente através do Fórum da *Rede*. A publicação de *posts* nesse caso se faz por meio do preenchimento do formulário de divulgação.

A *Rede* se conecta sobretudo a partir de uma plataforma virtual, centrada em um sítio-web, www.filosofas.org, e que se expande em canais de comunicação por diversas redes sociais, como notificações por e-mail, *Instagram*, *Twitter*, *Facebook* e *YouTube*, com ações diversificadas.

São ações de projetos da *Rede Brasileira de Mulheres Filósofas*:

- Base de dados dos projetos institucionais brasileiros sobre filosofia e mulheres (veja [aqui](#));
- Divulgação de teses e dissertações em curso na área de filosofia, redigidas por mulheres (veja [aqui](#));
- Oferecimento de curso online gratuito com emissão de certificado: Introdução ao Feminismo (veja [aqui](#));
- Realização de vídeos de aulas, entrevistas e projetos especiais (veja [aqui](#));
- Prêmio para teses e dissertações escritas por filósofas (em parceria com a ANPOF);
- Publicação de resultados de projetos e reflexões (veja [aqui](#));
- Entrevistas ao vivo (lives, veja [aqui](#));
- Divulgação de eventos (veja [aqui](#));
- Divulgação de publicações (veja [aqui](#));
- Publicação de pequenos textos teóricos (veja [aqui](#));
- Fórum de discussão sobre assédio (veja [aqui](#));
- Fórum sobre a quarentena durante a pandemia (veja [aqui](#));
- Divulgação de dados e estatísticas sobre mulheres e filosofia no Brasil (veja [aqui](#)).

Em setembro de 2022, a *Rede* contava com 190 membras, quase 5.000 assinantes do *site*, 7.200 assinantes do canal *YouTube*, 8.000 seguidores no *Instagram*, quase 1.000 no *Twitter* e um índice de 2.300 curtidas no *Facebook*,

configurando-se como uma eficiente base de comunicação de produção acadêmica de qualidade.

5. Considerações finais

São três os principais papéis da *Rede*: primeiro, o papel de divulgação de nossos projetos; segundo, o de abertura para o debate sobre temas diversos, às vezes delicados e necessários – como o assédio moral e sexual, pelos quais praticamente todas as mulheres sofrem em sua trajetória profissional, enfim, temas que envolvem as mulheres na forma de post ou fórum no site –; terceiro, o de possibilitar que elas se conectem Brasil a fora e saibam o que se produz e se podem, assim, estabelecer diálogos, trabalhos conjuntos, formação de grupos de pesquisas etc. O impacto social da *Rede* é notório, mesmo nesse breve tempo desde o lançamento, em 2019, sobretudo ao dar visibilidade a projetos que são pouco conhecidos para a maioria, mas que são muito importantes para a promoção da igualdade no local onde eles ocorrem.

Para além da divulgação e conexão com vista à reunião e debate virtual e *in loco*, o propósito político é o de conquistar a visibilidade e o reconhecimento acadêmico e social da filosofia feita por mulheres, ou seja, tornar visível o que já existe – as obras produzidas por elas – e reivindicar o direito pelo reconhecimento do que já é de fato – a natureza filosófica dessas obras. Assim, uma das contribuições da *Rede* consiste na divulgação de documentos da área de Filosofia que abordem demandas e projetos relativos a esses problemas, e que convoquem a comunidade acadêmica a enfrentá-los¹.

Para além da divulgação de trabalhos acadêmicos, para além das possibilidades de conexão e interação, para além da conquista de visibilidade e do reconhecimento acadêmico e social da filosofia feita por mulheres, está a compreensão de que o silenciamento e a opressão são estruturais e não um evento particular que sofre uma ou outra filósofa. A *Rede* vem construindo, com o trabalho interativo das mulheres, o que se poderia chamar de consciência de classe ou de grupo.

Um efeito colateral dessa iniciativa é o interesse do público extra-acadêmico. É surpreendente o alcance das redes sociais vinculadas à *Rede*, e a disponibilidade das pessoas em aprenderem mais sobre filosofia e sobre filósofas. Mesmo a atenção da mídia: uma reportagem de fôlego do jornal *Valor Econômico*, publicada recentemente, abordou o movimento da primavera das filósofas (CELESTINO, 2020). Estes são sinais de que a *Rede* se tornou um excelente instrumento de divulgação da produção acadêmica, e de seus impasses e entraves, à sociedade.

Os próximos passos da *Rede* estarão com a atenção voltada para o Ensino de filosofia na Educação Básica e o estímulo à formação de grupos de filósofas no nível da Graduação. No primeiro caso, busca-se mobilizar projetos que tratem de filosofia e mulheres nesse segmento e divulgar estratégias de abordagem da

¹ A exemplo das Diretrizes contra assédio moral e sexual nos PPGFil do país, documento escrito pelo GT de Filosofia e Gênero da Anpof.



questão em sala de aula. Entende-se que a filosofia é uma disciplina muito importante na formação humana e cidadã, e que é particularmente relevante que meninas e adolescentes possam ter informação sobre o pensamento de mulheres. No segundo caso, pretende-se oferecer conteúdo digital que possa ser usado pelas próprias alunas, em grupos de apoio, no interior dos quais elas possam estruturar o suporte de que precisam para o seu sucesso acadêmico.

REFERÊNCIAS

AGGIO, Juliana Ortegosa; RAMOS, Silvana de Souza. Assédio sexual na universidade: um problema incontornável?. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 14 jan. 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/assedio-sexual-na-universidade-um-problema-incontornavel/#:~:text=Atos%20de%20ass%C3%A9dio%20sexual%20s%C3%A3o,suas%20constantes%20investidas%2C%20por%20n%C3%A3o>. Acesso em: 16 jan. 2023.

ANTONY, Louise. Different Voices or Perfect Storm: Why Are There So Few Women in Philosophy? **Journal of Social Philosophy**, v. 43, n. 3, p. 227–255, 2012.

ARAÚJO, Carolina M. B. A primavera de 2016. **Ideação**, v. 42, p. 126-140, 2020.

ARAÚJO, Carolina M. B. Quatorze anos de desigualdade: mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017. **Cadernos de Filosofia Alemã**, v. 24, p. 13-33, 2019.

ARAÚJO, Carolina M. B. Mulheres na Pós-Graduação em Filosofia no Brasil - 2015. São Paulo: **Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia**, 2016.

ARAÚJO, Carolina. Quatorze anos de desigualdade: mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017. **Cadernos De Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade**, v. 24, n. 1, p. 13-33, 2019.

BARON, San; DOUGHERTY, Tom; MILLER, Kristie. Why Is There Female Under-Representation among Philosophy Majors? **Ergo, an Open Access Journal of Philosophy**, Disponível em: <https://quod.lib.umich.edu/cgi/p/pod/dod-idx/why-is-there-female-under-representation-among-philosophy.pdf?c=ergo;idno=12405314.0002.014;format=pdf> Acesso em 15 jan. 2023.

CELESTINO, Helena. Em luta por igualdade na academia, filósofas vivem sua primavera. **Valor Econômico**, 14 ago. 2020. Disponível em:



<https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2020/08/14/em-luta-por-igualdade-na-academia-filosofas-vivem-sua-primavera.shtml>. Acesso em: 10 set. 2022.

DOUGHERTY, Tom; BARON, Samuel; MILLER, Kristie. Female Under-Representation Among Philosophy Majors: A Map of the Hypotheses and a Survey of the Evidence. **Feminist Philosophy Quarterly**, v. 1, n. 1, 2015.

HASLANGER, Sally. Changing the Ideology and Culture of Philosophy: Not by Reason (Alone). **Hypatia**, v. 23, n. 2, p. 210–223, 2008.
<https://doi.org/10.1111/j.1527-2001.2008.tb01195.x>.

INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Enade 2014**: Relatório Síntese Filosofia. Brasília: INEP, 2014. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/relatorio_sintese/2014/2014_rel_filosofia.pdf Acesso em: 19 dez. 2022.

KINGS, Amy E. Philosophy's Diversity Problem: Understanding the Underrepresentation of Women and Minorities in Philosophy. **Metaphilosophy**, v. 50, n. 3, p. 212–230, 2019.

LESLIE, SARAH-JANE; CIMPIAN, Andrei; MEYER, Meredith; FREELAND, Edward. Expectations of brilliance underlie gender distributions across academic disciplines. **Science**, v. 347, p. 262–265, 2015.

PAXTON, Molly; FIGDOR, Carrie; TIBERIUS, Valerie. Quantifying the Gender Gap: An Empirical Study of the Underrepresentation of Women in Philosophy. **Hypatia**, v. 27, n. 4, p. 949–957, 2012.

RIBEIRO, Nadia Junqueira; RAMOS, Silvana de Souza. Uma mulher que entra no curso de filosofia já transgrediu uma série de interditos sociais e culturais da sociedade patriarcal. Anpof, 2019. **Anais...** Disponível em: <https://www.anpof.org/comunicacoes/entrevistas/entrevista-com-silvana-ramos-uma-mulher-que-entra-no-curso-de-filosofia-ja-transgrediu-uma-serie-de-interditos-sociais-e-culturais-da-sociedade-patri>. Acesso em: 12 set. 2022.

THOMPSON, Morgan; ADLEBERG, Toni; SIMS, Sam; NAHMIAS, Eddy. Why Do Women Leave Philosophy? Surveying Students at the Introductory Level. **Philosopher's Imprint**, v. 16, n. 6, 2016.

Recebido em: 26 de setembro de 2022.
Aceito em: 20 de janeiro de 2023.
Publicado em: 17 de junho de 2023.

